

# Novo Conteúdo Programático

REYNALDO CORREIA

Na verdade o conteúdo não é novo. O Comitê de História, criado pelo CESPE-UnB, preocupou-se em fazer uma nova abordagem do conteúdo. Substituimos a tradicional divisão em que a História é compartimentada (Brasil, América e Geral). Optamos por uma abordagem que privilegia a contextualização da História do Brasil e da América com o desenvolvimento da História européia. Proposta já desenvolvida por diversos autores de livros de 1º e 2º graus. Esta abordagem, já desenvolvida, com sucesso, em algumas escolas particulares do I·F, deverá nortear o ensino de História nas próximas décadas.

Qual a vantagem dessa proposta? Antes o aluno aprendia em séries distintas todo o conteúdo. Normalmente no 1º ano - História Geral, no 2º ano - História da América e no 3º ano - História do Brasil. Na rede particular não é muito diferente: 1º ano - História Geral, 2º ano - História do Brasil e no 3º - revisão (Brasil e Geral). A nova abordagem desses conteúdos no PAS evita a separação de assuntos tão inti-

mamente relacionados. Ou seja: ao invés de analisar a Expansão Napoleônica e seus efeitos na Europa, o aluno aprenderia também, concomitantemente, os efeitos dessa mesma expansão na América (aceleração do processo de independência) e no Brasil (Fuga da Família Real, Abertura dos Portos e a consequente aceleração do processo de independência). Não havia razão para a separação desses conteúdos em séries distintas. O aluno só iria relacionar a Independência do Brasil com a conjuntura européia após 400 dias letivos. Embora alguns professores abordem essa relação superficialmente. É possível separar a análise da Inconfidência Mineira (1789) da Revolução Francesa (1789) e da Independência dos EUA (1776)? Como observamos, são conteúdos que, abordados ao mesmo tempo, dariam ao aluno uma visão ampla da História do Mundo Ocidental. Todos esses acontecimentos foram influenciados pelas idéias Liberais e pela Crise do Antigo Regime. Como ensiná-los separadamente? Seria melhor estudar a Rev-

olução Francesa no 1º ano, Independência dos EUA no 2º ano e Inconfidência Mineira no 3º ano?

Provavelmente a tradicional separação de conteúdos atende aos professores especialistas: "o professor de América", "o professor de Antiga" e o "professor de Brasil". Com certeza, para eles, o "novo conteúdo" será realmente uma grande novidade.

É claro que, por se tratar de um programa mínimo de avaliação, ele não impede o professor de abordar em sala de aula, e de acordo com o programa da sua escola, outros conteúdos (História do Oriente por exemplo).

Nós do Comitê de História observamos que a mudança se processará não por meio da alteração do conteúdo, e sim por uma nova postura, uma nova maneira de pensar a História. É preciso que esta mudança de postura seja tratada como um processo e, não como uma ruptura.

**Reynaldo Correia é professor e coordenador do curso de História no Centro Educacional SIGMA e Presidente do Comitê de História - Cespe - UnB**